

**Fios que se cruzam: estratos de Manaus e a
estória de uma família de imigrantes libaneses
na memória de um curumim em
Dois irmãos, de Milton Hatoum**

**Threads that cross: the stratum of Manaus and the
history of a family of Lebanese immigrants in the
memory of a “curumim” in *Dois irmãos*, by
Milton Hatoum**

ANTONIO APARECIDO MANTOVANI*

Conhecido como autor que coleciona prêmios, entre eles, três vezes o Prêmio Jabuti de melhor romance e o Prêmio Portugal Telecom de Literatura, Milton Hatoum nasceu e passou a infância e parte da juventude em Manaus, cidade que se torna mais que cenário em sua obra traduzida em doze línguas e em quatorze países.

O espaço da ficção desse autor amazonense nos remete à construção imaginária da cidade de Manaus e suas transformações, não apenas do ponto de vista material, mas sobretudo simbólico. Na obra de Hatoum, a múltipla Manaus tem aspectos cosmopolitas e provincianos, comerciais e decadentes. A sujeira e a pobreza fazem parte do ambiente degradado onde vivem os excluídos do progresso, que a poucos beneficiou.

Em *Dois irmãos* (que citaremos doravante como DI), Manaus ganha importância no decorrer da trama romanesca e torna-se uma importante personagem-espaço que impacta o comportamento das personagens que agem e vivem sob a influência desse elemento. Concomitantes ao percurso da trama romanesca que é contada numa estratégia rememorativa, a estória de duas gerações de uma família libanesa, emergem a história e as mudanças porque passam a cidade, a Amazônia e o país. A Manaus retratada no romance é uma

* Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: aamanto@yahoo.com.br.

cidade que convive com o processo de modernização e o atraso; o primeiro, trazendo melhorias para poucos, e o último, arrastando a maioria ao subdesenvolvimento e à miséria na periferia da cidade, levando índios e migrantes do interior a esmolar. Essa modernização atinge até parte da alta sociedade, que se vê arruinada nos “novos tempos” (DI, p. 249).

O romance dá a ver o espaço sociocultural e histórico de Manaus, a cidade que “cresceu no tumulto de quem chega primeiro” (DI, p. 32). Ilhada pelo rio Negro e pela floresta amazônica, Manaus tornou-se um importante centro do Norte do país e teve seu auge (*belle époque*) no ciclo da borracha, quando recebeu uma leva de ribeirinhos (indígenas que tentavam sobreviver na cidade), de imigrantes estrangeiros e migrantes de outras regiões brasileiras em busca de riqueza. A chegada dos libaneses à Amazônia iniciou-se na primeira década do século vinte, assim representada em *Dois irmãos* por volta de 1914, quando o personagem “Galib inaugurou o restaurante Biblos” (DI, p. 47), dando início ao enredo do romance que se estende aos anos imediatamente posteriores ao golpe militar de 1964.

A partir da estória de uma família de imigrantes árabes em Manaus, o narrador traça uma cartografia, desconstruindo e reelaborando o imaginário da cidade, com seus povoados e afluentes. Para tal, ele faz uso da memória num exercício de paciência de mestre sensível e atento ao cotidiano dessa família, aos seus conflitos e às relações internas e externas da casa. Verifica-se que, desse convívio entre pessoas de personalidades muito diferenciadas e mesmo de culturas diferentes, vão surgindo a decomposição e as mazelas das relações humanas, sociais e culturais numa cidade em constante mudança por várias décadas.

Na Manaus retratada em *Dois irmãos* sobressai uma paisagem que se entrelaça à natureza, às relações humanas, à cidade e seus povoados. Este romance centraliza o enredo na história dos gêmeos Yaqub e Omar, o caçula, e as relações destes com a mãe, o pai e a irmã, respectivamente: Zana, Halim e Rania. Nos fundos da mesma casa, localizada num bairro de Manaus, moram a empregada Domingas e seu filho Nael, um menino que anos mais tarde narra uma estória cheia de vingança, paixão e relações arriscadas, buscando a identidade de seu pai (Yaqub ou Omar).

A intriga tem seu início quando Yaqub é mandado para o Líbano, aos treze anos, para evitar o conflito entre os gêmeos. Como consequência dessa rela-

ção conflituosa, Omar estoca o rosto de Yaqub com uma garrafa estilhaçada, causando-lhe um grande corte e uma eterna cicatriz.

Yaqub volta cinco anos depois, transformado num jovem calado, misterioso e cheio de ressentimentos. Mais tarde vai estudar em São Paulo e ali se casa em segredo. Omar é mandado à Capital Paulista para tentar obter sucesso semelhante ao do irmão mais velho, e descobre que este havia se casado com Lívia, a causadora do principal conflito na infância dos irmãos, o que torna a sua reconciliação impossível. Posteriormente, Yaqub, espancado pelo caçula, planeja e executa friamente sua vingança.

Toda a narrativa é norteada pela voz de Nael, tudo o que sabemos nos chega através dele, ainda que o mesmo dê a voz a outras personagens. O narrador espera a casa desmoronar para contar a história da família com enfoque nos irmãos que rivalizam desde o início da narrativa. A história dessa família também é a história do narrador, marcada por conflitos e discriminação, por um sentimento de exploração e pela busca da paternidade. Por se envolver na trama e estar no centro do conflito, avulta-se também como um narrador-personagem e testemunha. Nael encontra-se num espaço de fronteira que permeia entre a periferia e a proximidade das demais personagens por estar fora da casa, mas transitar livremente por ela.

Eleito por Zana como o porta-voz e depositário da história que conta, Nael espera por cerca de trinta anos, quando quase todos estavam mortos, para juntar os estilhaços de fatos que presenciou, de retalhos de outras histórias que ouviu e guardou, e tecer com os escassos elementos de que dispunha, a narrativa do romance. Dessa forma, numa vertente rememorativa, faz das vozes dos outros uma única voz para compor o seu relato, reconstruir sua própria identidade, premido pela eterna dúvida que carrega na busca de sua paternidade entre os filhos da casa, com todas as implicações de cunho simbólico e psicanalítico.

Se a passagem do tempo desfoca a memória, a imaginação auxilia na sua reconstrução. Nael é o único capaz de olhar para o passado e reconstruir a história de uma família em conflito. Desse passado vêm as lembranças dos sofrimentos da mãe que, extraída de sua tribo e explorada como empregada doméstica, ainda se vê obrigada a esconder a paternidade buscada por ele. A narrativa dessa memória, aos poucos revitalizada, também traz ao presente a história de como a casa de Halim e Zana é feita e desfeita em processo semelhante por que passa a cidade de Manaus.

À medida que o narrador desenvolve a trama romanesca, ele narra concomitantemente a estória dessa cidade, seu crescimento transformado depois em ruínas e sua transição para uma “outra” urbe. As ruínas de Manaus estão diretamente ligadas às derrocadas de suas personagens.

A metamorfose de Manaus é constatada pelo engenheiro Yaqub: “Manaus está pronta para crescer” (DI, p. 196). Em reconstrução e crescimento, a nova Manaus não oferece mais espaços para seus antigos moradores. Desta forma, a cidade da infância do narrador não existe mais no tempo presente da narrativa. E, para reconstruir o espaço perdido, Nael lança seu olhar ao passado, à deriva. E à medida do que ouviu ou presenciou, vai reconstruindo a estória da família e da cidade, e constata o fim da Manaus romântica, cidade com uma ambientação diferente das demais devido à constante revitalização da vegetação equatorial, com seu cheiro de floresta e lodo.

A destruição da cidade flutuante (um bairro que flutuava sobre o Rio Negro) representa os males da colonização que esvazia e desmorona casas, restando apenas, na memória dos antigos habitantes, o paraíso perdido para uma leva de novos-ricos representados por Rochiram. Esses buscam apenas o lucro fácil num mundo onde tudo pode ser descartado. O passado, para eles, não tem nenhum valor, “dente que já não presta, arranca-se fora” (AZEVEDO, 1993, p. 223). O romance *Dois irmãos* resgata e retrata o que resta da Manaus antiga, que só existe na memória de quem a conheceu.

Referências bibliográficas

- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: FTD, 1993.
- CANDIDO, Antonio. Degradação do espaço. In: *Revista de Letras*, Assis: 14: 7-36, 1972.
- CRISTO, Maria da Luz Pinheiro de. *Arquitetura da memória: ensaios sobre os romances Dois Irmãos, Relato de um certo Oriente e Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas; UNINORT, 2007.
- FREIRE, Jose Alonso Torres. *Entre construções e ruínas: uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LINS, Osman. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A cidade flutuante. *Folha de São Paulo*, São Paulo: 12 ago. 2000, Caderno de resenhas, p. 7.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. *Entre olhares e vozes: foco narrativo e retórica em Relato de um certo oriente e Dois irmãos*, de Milton Hatoum. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

Recebido em 01 de julho e aprovado em 13 de outubro de 2012.